

Mídia e poder local: o caso dos jornais “Folha da Manhã” e “O Diário” em Campos dos Goytacazes

Media and local power: the case of newspapers “Folha da Manhã” and “O Diário” in Campos dos Goytacazes

Marcos Abraão Fernandes Ribeiro*

Este artigo analisa comparativamente as capas dos jornais Folha da Manhã e O Diário veiculadas durante o processo eleitoral de 2006. Dessa forma, procuramos demonstrar como os dois maiores jornais da cidade de Campos dos Goytacazes veicularam notícias com o objetivo de influenciar na produção de capital político para os dois grupos em disputa. Analisamos os dois jornais a partir da análise de discurso francesa, pois ela nos fornece a possibilidade de apontarmos os elementos ocultos nas capas dos jornais. Conjuntamente à análise, utilizamos a teoria dos campos de Pierre Bourdieu para apontar como as notícias produzidas por Folha da Manhã e por O Diário foram veiculadas com o objetivo central de influenciar a produção de capital político para os seus respectivos grupos. Desta forma, advogamos que os jornais funcionaram durante as eleições como “partidos políticos midiáticos”.

Palavras-chave: Folha da Manhã. O Diário. Análise do discurso. Capital político.

This article comparatively analyzes the covers of newspapers Folha da Manhã and O Diário published during the 2006 electoral process. Thus, we aim to demonstrate how the two largest newspapers in the city of Campos dos Goytacazes, RJ, published news in order to influence the production of political capital for the two groups in dispute. We analyze the two newspapers from the French discourse analysis, as it provides us the opportunity to point out the hidden elements on the newspapers’ front pages. Along the analysis, we use Pierre Bourdieu’s field theory to show how the news produced by Folha da Manhã and O Diário were published with the main objective of influencing the production of political capital for their respective groups. Thus, we advocate that newspapers worked as “media political parties” during the election.

Key words: Folha da Manhã. O Diário. Discourse analysis. Political capital.

Introdução

A compreensão ampliada do processo político contemporâneo tem de ser feita a partir da consideração do peso central da mídia. É a partir da mídia que os postuláveis a cargos políticos constituem visibilidade pública, pois esta seria responsável por produzir enquadramentos favoráveis a determinados candidatos, formaria a agenda pública e ainda contribuiria para a formação de capital político (MIGUEL, 2003).

* Jornalista e sociólogo, Mestre em Sociologia Política e Doutorando em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – Uenf, Campos dos Goytacazes-RJ, Brasil. E-mail: olamarcos@yahoo.com.br.

Como demonstração de sua importância, as atitudes dos políticos seriam modificadas de acordo com o impacto de sua aparição na mídia, sobretudo a televisiva. Além disso, haveria a constituição da espetacularização e da privatização do espaço público (NUNES, 2004).

A importância da mídia no Brasil ficou bastante marcada nas eleições para presidente em 1989, quando a edição do último debate entre os candidatos Luis Inácio Lula da Silva (PT), e Fernando Collor de Melo (PRN), realizado pela Rede Globo, foi considerado como fator crucial para a vitória de Collor no segundo turno. No que tange ao caso de Campos dos Goytacazes, tal importância pôde ser evidenciada pelo comportamento dos dois maiores jornais da cidade, Folha da Manhã e O Diário, durante as eleições de 2004 e 2006. Os jornais tornaram-se “braços” políticos dos dois principais grupos políticos em disputa, com o objetivo de produzir capital político para ambos. A Folha da Manhã filiou-se ao grupo liderado por Arnaldo Vianna, enquanto O Diário esteve junto ao grupo liderado pelo ex-governador Anthony Garotinho. Esse posicionamento tornou-se notório para a população da cidade que identificava de forma clara o comportamento francamente partidário dos dois principais jornais da cidade. Nesse sentido, apontar o comportamento dos jornais não traria nenhum elemento novo para a discussão. Todavia, muito além de apontar esse comportamento, demonstraremos como os jornais construíram os discursos favoráveis aos seus candidatos com o objetivo de gerar capital político para estes. Para apontarmos tal comportamento nos valeremos da análise do discurso e da sociologia relacional de Pierre Bourdieu. A partir da análise do discurso, conseguiremos observar os elementos ocultos existentes nas chamadas capas da Folha da Manhã e de O Diário. Já com a sociologia relacional de Bourdieu temos subsídios para compreender o relacionamento entre mídia e política, ou seja, como os jornais foram utilizados como ferramentas para constituição de capital político para os grupos em disputa.

A teoria dos campos e a formação do capital simbólico

Pierre Bourdieu tornou-se um dos principais sociólogos contemporâneos pela ampla produção intelectual que deixou, desde os estudos etnológicos na Argélia nos anos 1960 até os trabalhos de engajamento político contra o neoliberalismo nos anos 1990. A Sociologia de Bourdieu deu ênfase ao poder simbólico, ou seja, aquele poder invisível, mas que fornece o sentido imediato ao mundo e que é responsável por sua reprodução (BOURDIEU, 2010). Dentro dessa análise da dimensão simbólica da dominação social, Bourdieu construiu a teoria dos campos. Esses campos seriam microcosmos de luta simbólica entre as classes e frações de classe. No caso do campo político, essa luta se daria pela imposição da visão legítima do mundo social. Os campos seriam espaços relativamente autônomos, uma vez que seriam dotados de suas próprias leis. Estes ainda

são caracterizados como campos de força e de luta, uma vez que os seus ocupantes estariam sempre em disputas por posições nestes espaços. Esta disputa se daria em torno da aquisição de capital simbólico, uma espécie de crédito que daria reconhecimento do agente que o acumulasse. É o acúmulo de capital simbólico que determina a posição do agente no campo e as possibilidades que ele terá nas disputas com seus pares. Além disso, o acúmulo de capital determina a estrutura do campo. Ou seja, a distribuição do capital simbólico que determina a estrutura do campo e as possibilidades de tomada de posição dos vários agentes em disputa.

No caso do campo político, como vimos anteriormente, as disputas se dão na imposição da visão legítima sobre o mundo social. Além da imposição da visão legítima sobre o mundo, o campo político seria responsável por gerar produtos políticos, como instrumento de percepção e expressão do mundo social (BOURDIEU, 2010). Miguel (2003), ao analisar a relação entre o campo midiático e o campo político no Brasil propõe uma modificação nos capitais políticos propostos por Bourdieu. Desta forma poderia ser constituída uma visão mais proveitosa da relação entre mídia e política no Brasil. De acordo com Miguel (2003, p.121):

- a) capital delegado, entendido como o capital originário do próprio campo político e/ou estatal. Isto é, a notoriedade advinda de mandatos eletivos anteriores, da ocupação de cargos públicos (de confiança) no Poder Executivo e da militância partidária;
- b) capital convertido, ou seja, a popularidade conseguida em outros campos e deslocada para a política e também a transferência do capital econômico, por meio de campanhas eleitorais dispendiosas.

O campo midiático, por sua vez, seria regido pela lógica do mercado e pela influência de outros campos de produção cultural como o político (MARTINS, 2005). No caso específico do jornalismo, Martins (2005) afirma que o campo torna-se cada vez mais autônomo à medida que o mercado aumenta em termos de leitores e anunciantes. Assim como o campo político, o campo jornalístico possui uma lógica própria. Essa autonomia pode ser vista através dos fatores responsáveis por sua formação, a saber, a empresa jornalística, o jornalismo e a imprensa (MARTINS, 2005). Um fator que demonstraria esse ponto é a crença na objetividade, que é um fator que baliza a produção das notícias. O campo jornalístico possui como uma de suas aporias mais importantes a influência dos campos econômico e político sobre sua lógica. De acordo com Martins (2005), não ocorre uma simples influência, mas uma relação de dominação em termos materiais e simbólicos por meio da esfera governamental. Essa relação de dominação demonstraria como as notícias se dariam de forma externa ao campo jornalístico (MARTINS, 2005).

A visibilidade nos meios de comunicação seria um elemento fundamental para a carreira política, uma vez que interferiria nesta pela influência na produção de capital político (MIGUEL, 2003, p.116). Miguel (2003), ao analisar a relação entre o campo político e o campo midiático nas carreiras parlamentares defende que existe uma relação de “simbiose tensionada” entre esses dois campos. Ou seja, a lógica própria que rege cada campo faria com que houvesse uma relação mais dinâmica e não uma imposição da dominação de um campo sobre o outro.

Nós acreditamos, todavia, que tal relação se dê no âmbito da relação entre grande mídia e poder político. No que se refere ao campo midiático das cidades do interior, acreditamos que exista uma relação de dominação como apontada por Martins (2005), sobretudo no que se refere aos jornais. Tais veículos de comunicação não se sustentam unicamente pela vendagem nas bancas, sobretudo em uma conjuntura na qual a internet contribuiu decisivamente para o declínio no número de leitores de jornais no país desde os anos 1990. Além desse fato, a dinâmica política no âmbito local no Brasil sempre foi marcada pelo domínio das elites políticas e de seus interesses particularistas. Campos dos Goytacazes, por sua vez, não fugiu a essa regra, como veremos ao analisar o comportamento dos jornais Folha da Manhã e O Diário durante o processo eleitoral de 2006.

A partir da junção entre a análise de discurso e da sociologia relacional de Bourdieu, procuraremos demonstrar como os dois principais jornais da cidade funcionaram como “braços” políticos dos grupos vinculados a Arnaldo Vianna e a Anthony Garotinho com o objetivo de produzir capital político para os seus respectivos aliados. Desta forma, podemos visualizar como os jornais funcionaram como “partidos políticos midiáticos”¹.

As eleições de 2004

Para que consigamos compreender de maneira plural as eleições de 2006 e o comportamento partidarizado dos jornais Folha da Manhã e O Diário durante esse período, faz-se necessário que voltemos às eleições de 2004. Isso porque foram essas eleições que desencadearam a intervenção da Justiça Eleitoral que redundou nas eleições de 2006.

As eleições de 2004 marcaram profundamente a história da cidade de Campos dos Goytacazes. Durante essas eleições a cidade esteve envolta em escândalos de compra

¹ Ao analisar o comportamento da grande imprensa no Brasil, Perseu Abramo propôs quatro padrões de manipulação: ocultação, fragmentação, inversão e indução. Desta forma, defendeu que o comportamento da grande imprensa era fundamentalmente voltado a atender aos interesses de grupos específicos, fazendo com que estes agissem com um comportamento similar a um partido político. Ao analisarmos o comportamento dos jornais Folha da Manhã e O Diário durante as eleições de 2006 observamos como os dois veículos utilizaram os quatro padrões de manipulação propostos por Abramo. Em virtude disso, caracterizamos os dois jornais durante o período eleitoral como “partidos políticos midiáticos”. Veremos este ponto na seção dedicada à análise dos jornais.

de votos, abuso do poder político pelos dois principais grupos em disputa, intervenção de tropas federais, além da “nacionalização” das eleições, com a estada na cidade de grandes órgãos da imprensa brasileira como os jornais Folha de São Paulo, Jornal do Brasil e O Globo, além de equipe de repórteres da TV Globo, mesmo esta possuindo uma afiliada na cidade. Esse grande interesse pelas eleições em Campos deu-se porque a cidade é o reduto eleitoral do ex-governador Anthony Garotinho², liderança política que tinha planos à época de candidatar-se à presidência da República nas eleições de 2006. Junto aos componentes acima citados, tivemos também os dois maiores jornais da cidade – Folha da Manhã e O Diário – atuando de forma partidarizada no decorrer dessas eleições.

Nessas eleições há o encontro entre os grupos políticos de Anthony Garotinho (PMDB) e Arnaldo Vianna³ (PDT). Para disputar as eleições pelo PDT, Arnaldo Vianna escolheu Carlos Alberto Campista, que compôs a chapa com seu sobrinho Toninho Viana. Para tentar reassumir o poder na cidade, Anthony Garotinho apoiou a candidatura de Geraldo Siqueira Pudim pelo PMDB, então vice-prefeito de Arnaldo Vianna. Pudim formou sua chapa com Claudeci da Silva, popularmente conhecido na cidade como Claudeci das Ambulâncias. Além dos candidatos acima citados, concorreram também às eleições de 2004 os candidatos Paulo Feijó (PSDB) e Makhoul Moussallem (PT).

No decorrer do processo eleitoral, as máquinas públicas tanto da prefeitura quanto do governo do estado foram acusadas de favorecer os seus candidatos com programas assistenciais. O governo do estado foi acusado de utilizar programas como Cheque Cidadão, que distribuía R\$ 100,00 para a população carente trocar por alimentos nos supermercados; o programa Morar Feliz, que vendia casas populares ao preço simbólico de R\$ 1,00; além do Programa Jovens Pela Paz. O governo municipal, por sua vez, utilizou-se dos mesmos meios de cooptação de votos, como a distribuição do vale-alimentação no valor de R\$ 50,00, além da estratégica contratação no período pré-eleitoral de quase 25.000 funcionários. Devido às denúncias de compra de votos pelos governos municipal e estadual, o Ministério Público fez um pedido de suspensão da distribuição desses programas assistenciais, com o objetivo de barrar estes mecanismos de cooptação de votos. Havia, devido a todas as denúncias de compra de votos, um grande clima de tensão na cidade. Isso levou o Tribunal Regional Eleitoral a solicitar junto ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) o envio de tropas federais à cidade para controlar o clima de tensão que se instalara por causa das eleições.

Nessas eleições, o candidato fortemente apoiado por Anthony Garotinho, Geraldo Pudim, venceu o primeiro turno com 33% dos votos. Em segundo lugar, surpreendendo todos os institutos de pesquisa e os estudiosos da política local, ficou o

² A análise sobre o processo eleitoral de 2004/2006 feita por nós nesta seção baseia-se nos trabalhos de Pantoja (2004 e 2006). Pantoja (2005), inclusive, faz uma boa análise sobre a trajetória política de Anthony Garotinho e de sua relação com o jornal O Diário.

³ Garotinho formava junto com Arnaldo Vianna uma sólida máquina política que dominava a cidade de Campos de forma hegemônica. No entanto, os dois rompem no primeiro semestre de 2002, propiciando a cisão desta hegemonia.

candidato Carlos Alberto Campista, apoiado pela máquina municipal, com 27,8% dos votos.

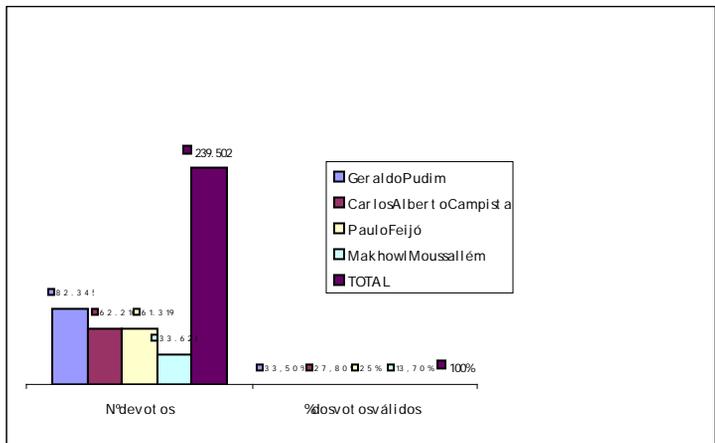


Figura 1 - Resultado do 1º turno das eleições de 2004

Fonte: Elaborada com base nos dados do TRE

Devido à pequena margem de diferença de votos, houve segundo turno entre Geraldo Pudim e Carlos Alberto Campista. Durante o segundo turno, o candidato Geraldo Pudim ficou isolado, pois Paulo Feijó, então favorito a ir para o segundo turno, apoiou a campanha de Campista. Makhoul Moussallem, que havia ficado em quarto lugar, preferiu uma posição neutra no pleito. Em virtude do apoio alcançado, Campista foi para o segundo turno fortalecido. E o resultado disto foi a sua vitória, com 131.363 votos, contra 109.309 votos de Pudim.

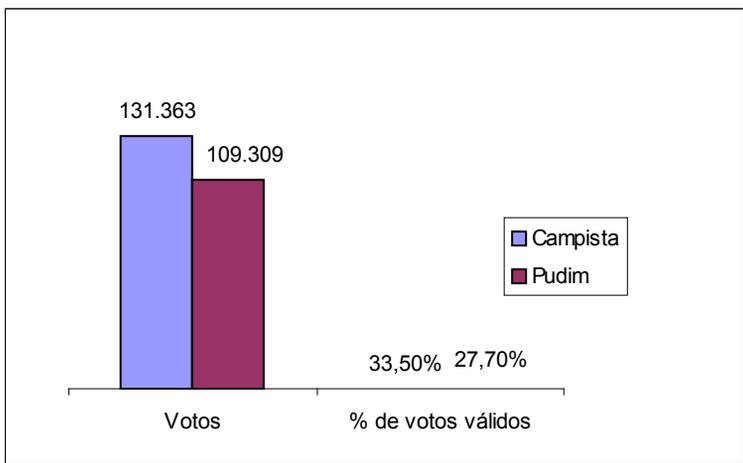


Figura 2 - Resultado do segundo turno das eleições de 2004

Fonte: Elaborada com base nos dados do TRE

As eleições, como anteriormente argumentamos, foram marcadas também pela utilização deliberada de programas assistenciais dos governos municipal e estadual. Essas graves denúncias levaram a juíza eleitoral Denise Apolinária – já havia proibido a utilização de programas assistenciais pelos dois candidatos – em 13 de maio de 2005, a proferir uma sentença que cassou os direitos políticos dos candidatos eleitos em 2004, Carlos Alberto Campista e Toninho Viana. A juíza ainda tornou inelegíveis por três anos Arnaldo Vianna, Anthony Garotinho, a governadora Rosinha Matheus, Geraldo Pudim e Claudeci, esses últimos candidatos derrotados no pleito de 2004. Ainda foram aplicadas vultosas multas nos envolvidos.

Em virtude da cassação dos candidatos eleitos, Campista e Toninho Viana, o então presidente da Câmara dos Vereadores, Alexandre Mocaiber, assumiu a prefeitura interinamente, até que a Justiça marcasse novas eleições na cidade. Durante esse período, Mocaiber conseguiu angariar apoio popular, o que fez com que ele se candidatasse a prefeito nas eleições de 2006.

As eleições de 2006

As eleições de 2006 não tiveram a mesma repercussão que as de 2004 quando houve uma espécie de nacionalização do pleito, com a participação de grandes veículos de imprensa, denúncias de abusos significativos do poder político e econômico das máquinas da prefeitura e do estado, que culminaram na intervenção de tropas federais durante o segundo turno e também a anulação do pleito.

Apesar da menor repercussão, houve durante a campanha confrontos entre partidários de Mocaiber e de Pudim. Também continuaram as denúncias de compra de votos supostamente feita pelos dois candidatos, que eram veiculadas diariamente pelos jornais Folha da Manhã e O Diário. O jornal O Diário permaneceu apoiando Geraldo Pudim e noticiando as denúncias de crimes eleitorais atribuídos a Alexandre Mocaiber. A Folha da Manhã, por sua vez, apoiou a candidatura de Alexandre Mocaiber, noticiando em suas páginas denúncias de crimes eleitorais apenas contra Geraldo Pudim.

Houve o mesmo arranjo político ocorrido em 2004. No primeiro turno, o candidato Geraldo Pudim venceu com 99.002 votos, contra 93.628 votos de Alexandre Mocaiber.

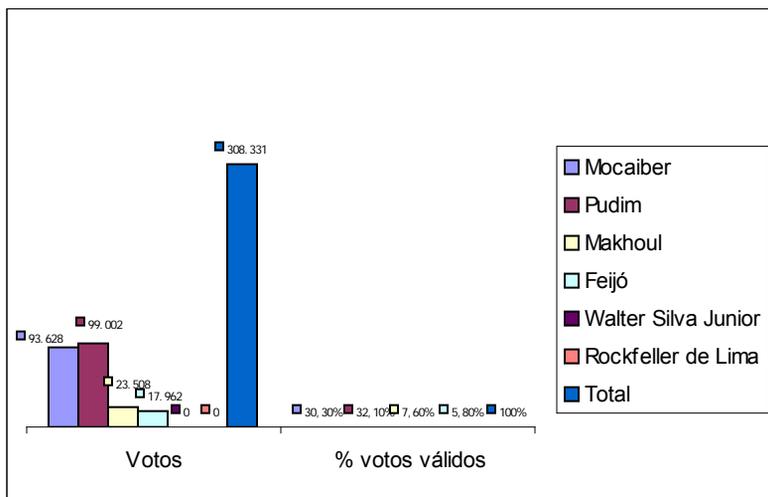


Figura 3 - Resultado do 1º turno das eleições de 2006

Fonte: Elaborada com base nos dados do TRE

O único fato surpreendente do primeiro turno foi a fraca votação de Paulo Feijó, que fez apenas 17.962 votos, apesar de ter feito uma campanha subsidiada por bons recursos financeiros. Ele tentou se colocar como uma alternativa entre Mocaiber e Geraldo Pudim. Entretanto, acabou ficando em quarto lugar, atrás do médico Makhoul Moussallem, que surpreendeu ao ficar em terceiro, pois havia feito uma campanha com poucos recursos.

No segundo turno, assim como havia ocorrido em 2004, Geraldo Pudim ficou isolado. Mocaiber, por sua vez, obteve apoio dos candidatos derrotados Rockfeller de Lima (PFL), Valter Silva Junior (PV) e de Paulo Feijó (PSDB). Makhoul Moussallem, assim como em 2004, manteve-se neutro. Essa configuração levou o candidato Alexandre Mocaiber à vitória, com 129.096 votos. Geraldo Pudim, sofrendo a sua segunda derrota seguida, obteve 102.282 votos.

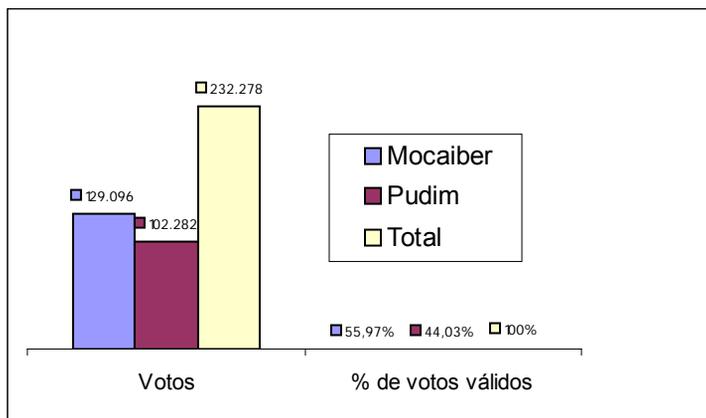


Figura 4 - Resultado do segundo turno das eleições de 2006

Fonte: feita como base nos dados do TRE

A partir desse contexto político demonstrado, é que poderemos compreender o comportamento dos jornais Folha da Manhã e O Diário durante as eleições de 2006, uma vez que eles agiram como “braços” políticos dos dois grupos em disputa. Para demonstrarmos tal comportamento, analisaremos de forma comparada as capas dos jornais durante as eleições de 2006 utilizando como metodologia a análise do discurso.

A análise do discurso

A análise do discurso constituiu-se desde a década de 60 em um dos campos mais frutíferos da pesquisa social. Ela foi resultado da junção de três regiões do conhecimento: o materialismo histórico, a psicanálise e a linguística. Essa vertente foi desenvolvida na França, sendo conhecida como Escola Francesa de Análise de Discurso, cujos principais nomes são Michel Foucault e Michel Pêcheux. Eles trouxeram grandes contribuições metodológicas para esse ramo do conhecimento. Além deles, ainda temos outros nomes importantes como Oswald Ducrot e Dominique Mainguenuau⁴.

A análise de discurso trabalha com a junção língua-discurso-ideologia, pois nega a pretensa literalidade do discurso. Isso porque a materialidade específica da ideologia é o discurso; a materialidade do discurso é a língua e, que, não pode haver discurso sem sujeito e da mesma forma sujeito sem ideologia (OLIVEIRA, 2003).

O analista busca compreender os sentidos contidos no discurso, pois o discurso funciona como um efeito de sentidos. Por isso, ele tem de procurar identificar esses sentidos através das pistas, vestígios que são deixados no discurso, que são relacionados, por sua vez, à exterioridade e às relações de produção (OLIVEIRA, 2003).

No processo de análise, é necessário que o analista utilize algumas ferramentas metodológicas que o ajudarão a detectar os sentidos contidos nos discursos analisados. Um primeiro ponto importante é a referência ao interdiscurso, ou seja, aquilo que já foi dito em algum lugar independentemente. Segundo Orlandi (1999):

Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, do já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra (p.31).

Essa primeira proposição nos mostra que na constituição do discurso há uma íntima relação entre o discurso já-dito e o discurso que está sendo produzido. Segundo

⁴ Além da Escola Francesa, existe ainda a Escola Anglo-Americana de Análise de Discurso. Mussalim (2001) argumenta que um dos importantes fatores diferenciadores entre as duas escolas estaria na perspectiva levantada pela Escola Anglo-Americana, que considera a intenção dos sujeitos em seus processos interacionais como um dos fatores sustentadores dela, fruto de sua interligação com a Sociologia. A Escola Francesa, por sua vez, não considera essa intenção do sujeito. Ainda segundo Mussalim (2001), a Escola Francesa considera os sujeitos condicionados por uma dada ideologia, que condiciona suas falas em determinadas conjunturas histórico-sociais. Neste trabalho, seguiremos como marco teórico as contribuições da Análise de Discurso de origem francesa.

Orlandi (1999), para tirarmos os sentidos contidos no discurso é necessário que façamos uma análise na qual colocamos o interdiscurso (a memória) em confluência com o intradiscurso (o que está sendo enunciado). Apenas a partir dessa inter-relação que a constituição dos sentidos é possível.

Outro aspecto relevante que precisamos destacar é que o sujeito em seu ato enunciativo pensa que domina seu próprio discurso, mas na verdade está preso a uma formação social que lhe permite certas inserções e não outras, corroborando a afirmação anteriormente citada de que não há sujeito sem ideologia.

Além destes aspectos, é necessário também atentarmos para outros fatores metodológicos que são fundamentais para a detecção dos sentidos contidos nos discursos. O processo de linguagem molda-se em processos parafrásticos e polissêmicos. De acordo com Oliveira (2003), a paráfrase representa o já-dito, pois em todo o dizer existem aspectos que se mantêm. Então, são produzidas diferentes formulações do mesmo dizer solidificado. Ainda segundo Oliveira (2003), a polissemia constitui-se pelo a se dizer, caracterizando uma ruptura do processo de significação. De acordo com Hanauer (apud OLIVEIRA, 2003):

Rejeitando o antigo princípio da transparência da linguagem, a AD procura mostrar que o sentido não é algo que se encontra intrínseco às palavras. Em outros termos, as palavras não significam por si só, não há um sentido prévio, universal. Elas somente adquirem sentido quando são mobilizadas pelos falantes. E não há, por isso, um único sentido, mas uma proliferação de sentidos, sobre a qual o sujeito não tem controle, inclusive (p.6).

Outros dois aspectos fundamentais para a análise de discurso são as formações discursivas e ideológicas. Através da junção destas, proposta por Michel Pêcheux, conseguimos compreender a tomada de posição de determinado agente no ato de enunciação de seu discurso. A formação discursiva caracteriza-se, dentro de uma formação ideológica dada, por determinar aquilo que pode e deve ser dito em detrimento daquilo que não pode e não deve ser dito. Orlandi (1999) afirma que é através da referência à formação discursiva que nós conseguimos compreender, no funcionamento do discurso, seus diversos sentidos.

Segundo Brandão (2002), falamos sobre uma formação ideológica para caracterizar um elemento que pode ser utilizado como uma força confrontadora com outras forças em uma dada conjuntura ideológica, característica de uma formação social e um dado momento. Cada formação ideológica constituiria, ainda de acordo com Brandão (2002), um conjunto complexo de atitudes e representações que “não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras”.

As formações imaginárias, por sua vez, constituem outra importante ferramenta para se efetuar a análise do discurso. Segundo Mussalim (2001), elas são caracterizadas

pela imagem que o sujeito ao enunciar seu discurso faz do lugar que ocupa; do lugar que ocupa seu interlocutor; do próprio discurso e do que é enunciado; também a imagem que o sujeito, ao enunciar seu discurso, faz da imagem que seu interlocutor faz do lugar que ocupa o sujeito do discurso; do lugar que o interlocutor, neste caso ele, ocupa; e, finalmente, do discurso ou do que é enunciado. Por esse mecanismo podemos, segundo Orlandi (1999), atravessar o imaginário e explicitarmos como os sentidos são produzidos.

No processo de análise procuramos descobrir o significado do que foi dito. Para isso precisamos conhecer o não dito, ou seja, ler nas entrelinhas o discurso apontando as pistas deixadas pelas pressuposições e implícitos. Freitas (1999) afirma que através do que foi dito é sempre possível chegarmos ao não dito, cujas pressuposições e implicações são mantidas de maneira explícita ou camufladas em um dado discurso. Oswald Ducrot (apud FREITAS, 1999) argumenta que a utilização de formas implícitas nos discursos teria como objetivo tirar a responsabilidade do autor pelo conteúdo de seu discurso. Os fatos ditos de forma explícita seriam passíveis de discussão e contestação. Todavia, quando os discursos são engendrados de forma implícita, argumenta Ducrot, não há uma permissão imediata para uma contestação desse discurso. Ducrot (apud Freitas, 1999) afirma, ainda, que o implícito deve ser procurado num nível além do simples ato de enunciação, sendo uma verdadeira condição para esse ato. Isso nos leva à seguinte situação: ao enunciar um fato x, o sujeito implicará um fato y; como os implícitos são o que os fatos implicam, logo ele disse y.

Através desses elementos, chegamos à proposição segundo a qual todo discurso dito nos remete a vários discursos não ditos. Freitas (1999) argumenta que a compreensão do dito e do não dito nos levam à constituição de pistas sobre os interesses, intenções, ideologias ou valores contidos em determinados discursos. Com a percepção desses elementos, conseguimos identificar nas matérias jornalísticas seus diversos sentidos, que em muitos casos ficam sedimentados no não dito. Freitas nos dá pistas sobre a ocultação de sentidos, como efetuada pelo discurso jornalístico:

Nem tudo pode ser falado, nem tudo é falado, muitas coisas não podem ser ditas e muitas vezes se faz o contrário do que se diz. Dessa forma, a verdade ou a real intenção do sujeito não é explicitada, pois vai contra os interesses, os desejos e a ideologia dominante, razão pela qual se deve ter em mente, frente a qualquer discurso, a presença da subjetividade e dos processos de exclusão (p.14).

Orlandi (1999) sintetiza os passos a serem dados para se chegar ao não dito contido nos discursos. Primeiro é necessário que o dito seja colocado em relação ao não dito, conseguindo, dessa forma, ouvir naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, todavia sendo isto o constituinte do sentido de suas palavras. Orlandi afirma que a análise de discurso não procura o pretenso sentido verdadeiro, mas o real sentido contido

em sua materialidade histórica e linguística. E, ao utilizarmos esses procedimentos na hora de analisarmos um texto, conseguiremos fugir de seus supostos sentidos literais, compreendendo que a linguagem não é algo inocente e que, para seu entendimento, é necessário passarmos pela conjugação do simbólico com o político (ORLANDI, 1999).

Folha da Manhã versus O Diário

Os jornais Folha da Manhã e O Diário tiveram um comportamento fortemente partidariado durante o período eleitoral de 2006. Eles caracterizaram suas ações pelo ataque ao candidato adversário, mostrando o possível envolvimento do mesmo em práticas ilegais durante o período. Além disso, os jornais criaram fatos; fragmentaram a informação; ocultaram as denúncias contra os candidatos que apoiavam para “vender” a ideia de que eles não possuíam nenhum problema legal contra eles.

Percebendo essas manobras, que já eram visualizadas desde as eleições de 2004, fizemos uma análise⁵ das capas dos jornais do período de 1º de janeiro a 27 de março de 2006, um dia após o segundo turno das eleições. Desse total, retiramos uma amostra para demonstramos empiricamente como os jornais tiveram como carro-chefe de suas publicações, durante o período enfocado, os interesses dos grupos políticos que eles apoiavam.

Capa 1 — Na capa do jornal Folha da Manhã do dia 8 de março de 2006 encontramos o seguinte dito: **“TRE de Marlan nega tropas e ‘exército’ do PMDB ocupa ruas”**.

Alguns elementos são importantes para chegar ao não dito desta manchete da Folha da Manhã. Primeiramente é importante situar a formação imaginária que se tem a respeito de um órgão público como o Tribunal Regional Eleitoral, ligado ao poder judiciário, como sendo um órgão isento, sem dono, no qual o presidente é apenas um funcionário. Nesse enunciado da Folha da Manhã, tem-se a ideia de que Marlan Marinho, presidente do TRE, é dono do órgão, sobre o qual detém poderes absolutos e irrestritos.

Outro elemento importante é o já-dito pela Folha da Manhã quanto à relação de Marlan Marinho com o governo do estado. Segundo reiterou o jornal durante todo o processo eleitoral, o presidente do TRE estava favorecendo Pudin em virtude de relações com o casal Garotinho, já que eles indicariam o irmão de Marlan para desembargador.

Outros elementos contidos no texto de apoio que nos ajudam a chegar ao não dito do discurso da Folha da Manhã são: o primeiro é o pedido de tropas por três

⁵ A análise feita nesta seção é derivada da monografia de conclusão de curso defendida em 2007 na Faculdade de Filosofia de Campos-UNIFLU/Fafic para a obtenção do título de bacharel em jornalismo. Esse trabalho foi feito em conjunto com Manoel José Neto e José Geral Gomes Azevedo, que foram fundamentais para análise cuidadosa das capas dos jornais que fizemos entre janeiro maio de 2007. Ou seja, sem a parceria de ambos o trabalho não teria sido desenvolvido.

candidatos, que foi negado. Em segundo lugar o pedido de suspeição de Marlan por quatro candidatos. Em terceiro há a questão da denúncia de que grande contingente dos militantes do PMDB estaria recebendo uma considerável quantia em dinheiro de R\$ 75,00 por semana, o que é reforçado pelas fotos utilizadas na primeira dobra do jornal.

Com isso chegamos ao não dito do texto da Folha da Manhã: **Marlan nega intervenção legal de tropas para favorecer ação ilegal de militantes do PMDB nas ruas de Campos.**

Capa 2 — Na capa do jornal O Diário do dia 8 de março de 2006 encontramos o seguinte dito: **TRE descarta tropas federais em Campos.**

Antes de chegar ao não dito do discurso do jornal O Diário nesta edição, é preciso voltar ao já-dito por ele em relação à necessidade de envio de tropas federais à cidade. Segundo o jornal, o envio de tropas nunca foi necessário porque as polícias presentes em Campos eram suficientes.

Com isso chegamos ao não dito do discurso de O Diário: **Ação do TRE demonstra que não há necessidade de intervenção de tropas federais em Campos durante as eleições.**

Capa 3 — Na capa do jornal Folha da Manhã do dia 9 de março de 2006 encontramos o seguinte dito: **“Exército’ bate em retirada”.**

Para chegar ao não dito do discurso da Folha da Manhã em sua manchete é preciso voltar ao já-dito pelo jornal em relação aos militantes do PMDB, quando no dia anterior, segundo a Folha, eles estariam engendrando ações ilegais como a desordem pública com a conveniência legal do desembargador Marlan Marinho, presidente do TRE.

Com isso podemos chegar ao não dito do discurso da Folha da Manhã neste enunciado: **Devido às denúncias da Folha da Manhã, os militantes do PMDB admitem sua culpa e fogem.**

O interessante a ser ressaltado nesta chamada da capa da Folha da Manhã é que, ao contrário do dia 8 de março, quando fazia um dia ensolarado, e os militantes do PMDB estavam nas ruas, neste dia 9 de março, as fotos demonstravam um dia chuvoso, já sem a presença de tais militantes. Logo essas fotos levam a um questionamento do sentido do não dito da Folha da Manhã nesta chamada de capa, ou seja, se os militantes do PMDB realmente se afastaram das ruas devido às “supostas” denúncias do jornal, ou se não estavam nas ruas devido à chuva.

Outro dito encontrado na mesma capa da Folha da Manhã: **“TSE exige que TRE explique caso dos R\$ 318 mil do PMDB”.**

Alguns elementos são importantes para se entender o não dito desta chamada da Folha da Manhã. Em primeiro lugar, o já-dito do jornal, em relação ao TRE é de que este era personalizado na figura de Marlan Marinho, e este privilegiava a candidatura de Pudim por manter relação com o executivo estadual, que também apoiava o então candidato. Em segundo lugar, neste mesmo dia seria julgado o pedido de suspeição de Marlan. O terceiro ponto é que, desde novembro, havia um pedido para que o TRE explicasse ao TSE sobre o julgamento da questão dos R\$ 318 mil encontrados no PMDB em 2004.

Com isso chegamos ao não dito da Folha da Manhã neste enunciado: **O TRE, para favorecer o PMDB, não enviou explicações sobre o caso dos R\$ 318 mil para beneficiar a candidatura de Geraldo Pudim, demonstrando a culpa de Pudim nesse caso.**

Capa 4 — Na capa do jornal O Diário do dia 9 de março encontramos o seguinte dito: **“Reta final de campanha em clima de tranqüilidade”.**

Para chegarmos ao não dito desse enunciado, é importante remeter ao já-dito pelo jornal O Diário durante as eleições municipais de que não havia a necessidade do envio de tropas federais à cidade, como pediam os outros candidatos.

Outros indícios que nos levam ao não dito são, em primeiro lugar, o subtítulo “Militantes de diferentes partidos ditam clima de harmonia”, que passa a ideia de ordem e tranquilidade em Campos, o que é reforçado, em segundo lugar, pela foto de militantes dos três principais candidatos na primeira dobra do jornal.

Outro elemento que reforça a ideia da manchete é o texto de apoio, que descreve um clima de amizade e respeito entre os eleitores dos principais candidatos rivais.

Com isso chegamos ao não dito: **O clima de tranquilidade na reta final das eleições em Campos demonstra que não há necessidade do envio de tropas federais à cidade.**

Outro dito da mesma capa do jornal O Diário: **“OAB questiona a suspeição de Marlan”.**

Antes de chegar ao não dito desse enunciado, é importante situar a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), visto como o maior órgão não-público legítimo da Justiça brasileira.

Outro fator importante é que O Diário situa a indicação do irmão de Marlan Marinho para desembargador como um ato legal, já que, antes da aprovação da então governadora Rosinha Matheus, ele precisaria passar pela avaliação do Tribunal de Justiça.

Além disso, para chegarmos ao não dito do jornal O Diário, remetemos ao já-dito pelo jornal Folha da Manhã, de que Marlan Marinho estaria favorecendo a candidatura de Geraldo Pudim.

Com isso chegamos ao não dito do jornal O Diário: **A suspeição do desembargador Marlan Marinho não tem fundamento legal; logo ele não favoreceu a candidatura de Geraldo Pudim em momento nenhum.**

Capa 5 — Na capa do jornal Folha da Manhã do dia 13 de março de 2006 encontramos o seguinte dito: **“Do candidato que se diz mais preparado que seu adversário”**.

A foto utilizada pela Folha da Manhã na segunda dobra do jornal mostra o então candidato Geraldo Pudim supostamente ofendendo seu adversário Alexandre Mocaiber, com vários insultos como “pilantra”, “safado”.

Vale ressaltar, em primeiro lugar, a formação imaginária do que se entende como candidato a prefeito: de que ele seria uma pessoa equilibrada, centrada, que estivesse preparada para lidar com as diferenças, já que ele teria que governar para todos, e não apenas para aqueles que votaram nele. Em segundo lugar é importante remeter ao já-dito pelo candidato Geraldo Pudim, que sempre se disse mais preparado que seu adversário Alexandre Mocaiber.

Com esses fatores, chegamos ao não dito deste enunciado da Folha da Manhã: **Geraldo Pudim é uma pessoa descontrolada, desequilibrada, e que não tem preparo para ser prefeito de Campos.**

Outro dito da mesma capa do jornal Folha da Manhã: **“Cai a diferença no segundo turno entre PMDB e PDT”**.

Seria natural, no dia seguinte às eleições, que a vitória de Geraldo Pudim fosse a pauta de todos os jornais de Campos. Porém, não foi o que se viu em 2006 na Folha da Manhã, que se utilizou de dois padrões de manipulação na imprensa – propostos por Perseu Abramo – para desqualificar a vitória de Geraldo Pudim no primeiro turno.

O primeiro padrão de manipulação foi a ocultação, quando o jornal não afirma em momento algum que Geraldo Pudim venceu as eleições do dia anterior, primeiro turno das eleições de 2006.

O segundo padrão de manipulação foi a inversão da versão pelo fato, quando a Folha da Manhã, diante da vitória de Pudim, que não era favorável à sua posição ideológica, constrói a ideia, segundo a qual, essas eleições representaram a vitória do PDT, que diminui a diferença em relação ao PMDB de 2004 para 2006.

Com essa análise chegamos ao não dito: **O verdadeiro vencedor do primeiro turno das eleições de 2006 foi Alexandre Mocaiber, pois ele diminuiu a diferença em relação a Geraldo Pudim, de 2004 para 2006.**

Capa 6 — Na capa do jornal O Diário do dia 13 de março de 2006 encontramos o seguinte dito: **“Pudim vence o 1º turno – PDT compra votos e está no 2º turno”**.

As fotos reforçam o já-dito do jornal O Diário durante todo o processo eleitoral: Na primeira foto, Pudim aparece carregado por militantes do PMDB comemorando

sua vitória, fruto de uma eleição honesta. Enquanto isso a outra foto mostra o já-dito do jornal em relação à campanha de Alexandre Mocaiber, que teria comprado votos.

Corroborando a ideia do jornal de que o PDT e Alexandre Mocaiber só chegaram ao segundo turno porque compraram votos, o jornal traz um segundo enunciado no qual diz que **“Ilsan Vianna é detida pela Polícia Federal”**, sendo ela mulher do principal cabo eleitoral de Mocaiber, o ex-prefeito Arnaldo Vianna.

Através destes elementos chegamos ao não dito do enunciado de O Diário: **Alexandre Mocaiber só chegou ao segundo turno porque comprou votos.**

Capa 7 — Na capa do jornal Folha da Manhã do dia 24 de março de 2006 encontramos o seguinte dito: **“PDT pede cassação de Pudim e afastamento de delegado”**

É importante antes de buscarmos o não dito no discurso dessa edição da Folha da Manhã analisarmos alguns elementos que nos levam a ele. Na busca pelo não dito do discurso da Folha da Manhã, vale ressaltar o já-dito por esse jornal, o qual, durante todo o processo eleitoral, afirmou que o então candidato Geraldo Pudim era favorecido pela máquina estadual como a Polícia Civil, que segundo a Folha não coibia a compra de votos feita pelo candidato do PMDB.

Esses elementos nos ajudam a chegar ao não dito do discurso da Folha da Manhã: **O PDT é um partido honesto, pois pede a ação da Justiça para coibir os atos ilegais, porque quer a cassação de Geraldo Pudim, e o afastamento do delegado da Polícia Civil, Luiz Maurício Armond que tem favorecido o PMDB durante o período eleitoral ocultando práticas eleitorais criminosas.** Esse discurso não dito corrobora o discurso já-dito pela Folha da Manhã de que apenas Pudim e o PMDB cometeram atos ilegais e, portanto, criminosos, durante o período eleitoral.

No subtítulo, a Folha da Manhã, mostrando uma pretensa imparcialidade, dá voz ao delegado Armond, para que ele dê a sua versão. Já no texto de apoio da manchete, o jornal noticia diversos indícios que reforçam o discurso contido na manchete, de que Armond favorecia o candidato do PMDB com ações ilegais, como prisão arbitrária, mandado de prisão, além de não registrar nenhum crime eleitoral do PMDB, mesmo após diversas denúncias feitas por esse mesmo jornal ao longo de todo o processo.

Na capa desse mesmo jornal encontramos o seguinte dito: **“PF dá bote em posto que abastecia os carros do 15”.**

Para chegarmos ao não dito do discurso do jornal é necessário que enfatizemos dois pontos importantes contidos nele. Primeiramente vale ressaltar a linguagem utilizada por esse veículo ao dizer que a PF deu um “bote”. A ideia transmitida com isso é que a polícia pegou em flagrante um ato criminoso. O segundo ponto diz respeito à atuação da PF, tida pelo jornal como única capaz de atuar de forma imparcial e honesta na coibição dos crimes eleitorais praticados naquele momento pelo PMDB.

A partir desses elementos podemos chegar ao não dito desse enunciado: **PF pega em flagrante carro do PMDB em posto com o qual mantinha ligações irregulares.**

No entanto no texto de apoio dessa chamada, a Folha da Manhã deixa claro que nada irregular foi verificado pela PF em uma operação (de rotina) após denúncia anônima. Outro dito contido na capa desse mesmo jornal: **“Lins confirma Polícia Civil em papel de Federal”.**

Para chegar ao não dito desse enunciado da Folha da Manhã, é preciso pontuar dois tópicos. No primeiro deles, é importante situar a figura de Álvaro Lins, que nesse momento era o chefe da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, ligado ao governo. Outro ponto refere-se ao papel designado, especificamente, para a PF, que seria também efetuada pela Polícia Civil. Por meio desses elementos conseguimos chegar ao não dito do discurso da Folha da Manhã nesse enunciado: **Lins coloca Polícia Civil em atribuição que não cabe a ela para favorecer a campanha de Geraldo Pudim, do PMDB.**

Capa 8 — Na capa do jornal O Diário do dia 24 de março de 2006 encontramos o seguinte dito: **“Vergonha da compra de votos” – “Advogados de “12” intimidam testemunhas”.**

Para entender o não dito nesse enunciado do jornal O Diário, é necessário que atentemos para alguns elementos, como o já-dito do jornal sobre a compra de votos durante o processo eleitoral. Esse jornal afirmava que apenas o candidato Alexandre Mocaiber estava envolvido em ações ilegais de compra de votos. O outro elemento que nos ajuda a entender o não dito é que, diante da ideia de que testemunhas, em quaisquer processos, são coagidas, é prova inconteste que elas tem algo a dizer que possa incriminar quem as coage. Logo, o não dito dessa edição do jornal O Diário é: **Coação dos advogados de Alexandre Mocaiber contra testemunhas que o denunciavam comprova que o então candidato cometeu práticas ilegais durante o processo eleitoral.**

Capa 9 — Na capa do jornal Folha da Manhã do dia 27 de março de 2006 encontramos o seguinte dito: **“Campos elege Mocaiber e diz outro não a Garotinho”**

Para chegarmos ao não dito do discurso do jornal Folha da Manhã é preciso remeter ao já-dito da manchete do próprio jornal no dia seguinte à vitória do candidato Carlos Alberto Campista, nas eleições municipais de 2004, quando afirma que “Campos diz não a Garotinho” ao eleger o então candidato do PDT. Ou seja, a derrota do Geraldo Pudim representa uma derrota de Garotinho e o fim de seu domínio político, e de seu grupo, na cidade de Campos.

Dessa maneira, podemos chegar ao não dito no discurso da Folha da Manhã: **A eleição de Mocaiber foi resultado da vontade da população de Campos, e que esta mesma população reiterou o fim do domínio do grupo liderado por Garotinho.**

Capa 10 — Na capa do jornal O Diário do dia 27 de março de 2006 encontramos o seguinte dito: **PDT ganha a eleição e Pudim vai à justiça contra a compra de votos.**

Para chegar ao não dito do texto é necessário analisarmos alguns elementos: o jornal coloca um “chapéu” no enunciado “eleição da compra de votos”. Recorrendo à análise das cores, visualizamos que a cor vermelha teve um sentido de perigo e atenção, que remete ao já-dito sobre o candidato Alexandre Mocaiber, o qual, segundo o jornal, comprou votos durante todo o processo eleitoral.

Outro elemento que nos ajuda a chegar ao não dito do texto é a foto utilizada na primeira dobra do jornal, que mostra o prefeito Alexandre Mocaiber ao lado, apenas, dos militantes do PDT na Praça São Salvador, para comemorar sua vitória no segundo turno das eleições de 2006.

Com esses elementos conseguimos chegar ao não dito do discurso efetuado pelo jornal O Diário nessa edição: **Alexandre Mocaiber venceu as eleições em virtude da compra de votos, e não do apoio popular, que era, de fato, dado a Geraldo Pudim.**

Considerações finais

O comportamento dos jornais Folha da Manhã e O Diário durante o processo eleitoral de 2006 foi balizado pela tentativa de produzir capital político para os grupos que apoiavam. Por conta disso, produziram manchetes antagônicas durante o período. Por meio da análise do discurso francesa, observamos nos elementos implícitos das chamadas de capa como os jornais utilizaram esse espaço para deliberadamente construir representações contrárias ao grupo político de que eram opositores. Dessa forma, os jornais deixaram a busca pela objetividade da informação de lado, uma vez que o posicionamento efetivo deu-se no âmbito opinativo.

Esse posicionamento dos jornais nos leva a refletir sobre as relações entre campo político e campo midiático nas cidades do interior do Brasil, sobretudo em relação ao comportamento dos jornais. Miguel (idem) defende a existência de uma “simbiose tensionada” entre os dois campos, uma vez que a lógica própria que rege cada campo faz com que eles imponham barreiras à ação dos outros campos. No caso das cidades do interior, todavia, acreditamos que exista uma verdadeira “colonização” do campo midiático pelo campo político, pois as demandas vindas deste campo é que definem a produção das notícias. Ou seja, existe uma verdadeira relação de dominação como defendida por Martins (idem). Essa tese pode ser comprovada ao analisarmos o comportamento dos jornais Folha da Manhã e O Diário durante o período eleitoral, durante o qual os dois jornais agiram como “braços” dos dois grupos políticos em disputa. Dessa forma, eles tiveram um comportamento como “partidos políticos midiáticos”. Nesse sentido,

a análise que fizemos traz consigo alguns pontos para reflexão: 1) há possibilidade de descolonização do campo midiático da dominação exercida pelo campo político nas cidades do interior? ; 2) Qual o impacto que comportamentos como o da Folha da Manhã e de O Diário possuem nas escolhas eleitorais? ; 3) Qual a relação existente entre o comportamento dos dois maiores jornais da cidade com o nível da democracia brasileira? Enfim, no lugar de encerrarmos o artigo com questões fechadas, acreditamos que ele apenas nos abre várias questões importantes de pesquisa que necessitam ser respondidas por pesquisas posteriores.

Referências

ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação da grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 7ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 14ª edição. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 2010.

_____. A representação política: elementos para uma teoria do campo político. In: _____. *O Poder Simbólico*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2010.

FREITAS, Antônio Francisco de. *Análise do discurso: um estudo de caso*. Universidade Federal de Alagoas, maio de 1999. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 20 mar. 2007.

MARTINS, Luciano. *Pierre Bourdieu e o campo da comunicação: por uma teoria da comunicação praxiológica*. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2005.

MIGUEL, Luís Felipe. Capital político e carreira eleitoral: algumas variáveis na eleição para o congresso brasileiro. *Revista Sociologia e Política*, Curitiba, v.20, p.115-134, 2003.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: _____. *Introdução à Lingüística 2, Domínios e Fronteiras*. Rio de Janeiro: Editora Cortez, 2001. v.2.

NUNES, Márcia Vidal. Mídia e eleição. In: _____. Rubim (Org.) *Comunicação e Política*. São Paulo/Salvador: UNESP/UFBA, 2004.

OLIVEIRA, Stella Máris Valenzuela de. O jornal Zero Hora e as eleições de 2002, a construção do discurso anti-petista no jornal Zero Hora, durante as eleições de 2002, para o governo do Estado do Rio Grande do Sul. Belo Horizonte. *Intercom*, 2003.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PANTOJA, Silvia. *Reordenamento político e a circulação das elites em Campos dos Goytacazes: representações sociais na imprensa local (1982-2004)*. Rio de Janeiro, nº 21, 2004. Disponível em: <http://www.achegas.net/número/21/silvia_e_diomar_21.html>. Acesso em: 10 out. 2005.

_____. *Crônica de uma vitória anunciada: considerações sobre o processo político-eleitoral de 2004 e as eleições de 2006, em Campos dos Goytacazes*. Rio de Janeiro, nº 30, 2006. Disponível em: <http://www.achegas.net/número/30/silvia_30.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2007.

RIBEIRO, Marcos A. et al. *Folha da manhã versus O Diário: um olhar sobre as representações políticas dos jornais nas eleições de 2006 em Campos dos Goytacazes, 2007*. 71p. Monografia (Graduação em jornalismo) - UNIFLU, Fafic, 2007.

Artigo recebido em: 29 maio 2011
Aceito para publicação em: 12 dez. 2011